

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

A “SENSIBILIDADE ELEMENTAR”: UMA INTERFACE ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA A PARTIR DE LÉVINAS E PRADINES¹

Edvaldo Antônio²,

Resumo:

Neste trabalho investigamos os principais argumentos apresentados pelo pensador suíço do século XIX, Maurice Pradines, o qual influenciou grandemente outros pensadores que se interessaram pelo tema da “sensação”, sob o viés da “sensibilidade elementar”. Foca-se na “sensibilidade elementar”: uma interface entre ética e estética a partir de Lévinas e Pradines. Trata-se de mostrar como se constitui a “sensibilidade elementar” em Pradines, o qual entende a sensação não vinculada a elementos exclusivamente fisiológicos ou psicológicos, mas também caracterizada por uma inteligência singular, uma “inteligência da sensação”. Deste modo, uma investigação acerca da origem da atividade sensorial, sob a forma de uma “filosofia da sensação” é de fundamental importância para o entendimento de como o prazer e a dor encontram-se relacionados na experiência estética na sua interface com a ética.

Palavras-chave: Pradines; Lévinas; filosofia; sensibilidade elementar; ética.

Abstract:

In this work we investigate the main arguments presented by 19th century Swiss thinker Maurice Pradines, who greatly influenced other thinkers who were interested in the theme of “sensation”, under the bias of “elementary sensitivity”. It focuses on “elementary sensitivity”: an interface between ethics and aesthetics from Lévinas and Pradines. This work is about showing how “elementary sensitivity” is constituted in Pradines, which understands sensation not only linked to exclusively physiological or psychological elements, but also characterized by a singular intelligence, an “intelligence of sensation”. In this way, an investigation about the origin of sensory activity, in the form of a “philosophy of sensation” is of fundamental importance for the understanding of how pleasure and pain are related in the aesthetic experience in its interface with ethics.

Keywords: Pradines; Lévinas; Philosophy; Elementary Sensitivity; Ethics.

¹ The “elementary sensitivity”: an interface between ethics and aesthetics from Lévinas e Pradines.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma, Itália. Professor, Coordenador do Curso de Filosofia e Diretor Acadêmico da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) de Mariana, Minas Gerais (Brasil). Membro do Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos (CEBEL). E-mail: edvaldoantonio87@gmail.com

1. INTERFACES: UM DIÁLOGO NA DIFERENÇA

Por que Maurice Pradines em um evento sobre estética³? Afinal, quem é Pradines? Intitulamos *inter-faces* este primeiro item de nosso artigo justamente para evidenciar como emerge a temática da sensibilidade elementar em nossa pesquisa a partir de duas considerações, uma sob o viés da sensibilidade ética, com o pensador franco-lituano Emmanuel Lévinas (1906-1995) e outra sob o viés da problemática da sensação, com Maurice Pradines (1874-1958) que se interessou pela temática em questão tanto do ponto de vista psicológico quanto filosófico.

De Lévinas a Pradines

A *inter-face* aqui não diz respeito somente entre duas diferentes áreas do conhecimento, a Filosofia e a Psicologia, mas também de uma interação entre os próprios autores. Neste sentido, vale ressaltar que foi Lévinas que nos apresentou a filosofia de Pradines, no período de nossa pesquisa doutoral (2014-2018)⁴. No entanto, é preciso levar em consideração o contexto histórico no qual emerge o pensamento de Lévinas e, neste sentido, destacar também a importância de Pradines para a filosofia levinasiana. Aliás, em nosso entendimento, foi Pradines quem introduziu Lévinas na temática da sensibilidade, ainda que sob os germes da psicologia.

Primeiramente, é necessário dedicar algumas linhas ao pensador franco-lituano, Emmanuel Lévinas. Trata-se de um autor de origem judaica⁵. Logo após a Primeira Guerra Mundial, na década de 1920, Lévinas foi para Estrasburgo, na França, para cursar filosofia⁶, tendo posteriormente, em Friburgo, contato com os

³ 14º Congresso Internacional de Estética intitulado: “Artes do corpo, corpos da arte”, de 22 a 25 de outubro de 2019, Instituto de Filosofia e Artes / UFOP – Ouro Preto, Minas Gerais.

⁴ Sobre a temática, permitimo-nos mais uma vez indicar nosso livro: MELO, Edvaldo Antonio de. **Por uma sensibilidade além da essência: Lévinas interpela Platão**. Roma: G&BPress, 2018. Ressaltamos, porém, que na tese trabalhamos o viés crítico da psicologia de Pradines. No presente artigo apresentamos a relação do espaço tátil com o “corpo próprio”, termo que tomamos de Merleu-Ponty, em sua obra **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 2011, p. 226: “C’est par mon corps que je comprends autrui, comme c’est par mon corps que je perçois des ‘choses’” e interpretamos também no sentido do “contato” que envolve a carícia levinasiana na sua interface com o pensamento de Pradines, aplicando a estética à ética da vida [o elementar de Pradines e o vivencial de Husserl].

⁵ MALKA, Salomon. **Lévinas, la vie et la trace**. Paris: Albin Michel, 2002, p. 23-38. Ressaltamos que as traduções para as obras de Lévinas, bem como de Pradines, dentre outras que não se encontram em português é de nossa responsabilidade.

⁶ Sobre a vida e o encontro de Lévinas com Pradines em Estrasburgo, sugerimos a leitura do capítulo 2 da obra de Salomon Malka citada (MALKA, 2002, p. 39-50).

pensadores da fenomenologia – Edmund Husserl e Martin Heidegger – tornando-se um dos primeiros divulgadores da fenomenologia alemã na França dos anos 1930⁷. O tema, por exemplo, da intuição husserliana que Lévinas desenvolve em sua tese doutoral – *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl* (1930) – já se encontra latente no seu encontro com Pradines⁸, o qual o despertou para a significância de uma inteligibilidade na própria sensibilidade⁹. Depois de 1933, Lévinas rompe criticamente com o pensamento de Heidegger, sobretudo com sua ontologia, chamando-a de “ser neutro”¹⁰, justamente por desconsiderar a questão da ética – a relação com o outro. Lévinas viveu também a dura experiência dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, a partir da qual desenvolveu uma filosofia voltada para a ética da alteridade, uma filosofia nascida como testemunho da resistência. Dentre as obras de Lévinas, podemos citar: *Da existência ao existente* (1946); *O tempo e o outro* (1947); *Totalidade e Infinito* (1961); *De outro modo que ser ou para lá da essência* (1974); *De Deus que vem à ideia* (1982); *Ética e Infinito: Diálogo com Philippe Nemo* (1982); *Deus a morte e o tempo* (1993), além de várias outras obras e ensaios também dedicados ao judaísmo.

No capítulo II de nossa tese doutoral, intitulado “‘Traços’ da sensibilidade em Lévinas”, acenamos para o fato de Pradines ter influenciado o pensamento de nosso autor no que diz respeito à questão da sensibilidade sob o viés da fenomenologia¹¹. Trata-se de uma sensibilidade liberta tanto do idealismo quanto do próprio psicologismo, uma sensibilidade abordada sob o viés da filosofia, levando em consideração o humano vivente, que sente prazer e dor.

Constata-se, assim, um movimento de circularidade entre os autores que nos sugerem pensar na sensibilidade elementar como uma fronteira entre posturas diferentes. Trata-se de um lugar no qual se pode pensar uma interface entre a Ética e a Estética. Utilizamos a palavra interface fazendo referência ao jogo no qual foi pensada a temática do 14º Congresso Internacional de Estética intitulado: “Artes do corpo, corpos da arte”. Entendemos que, assim como é impossível haver artes sem corpo, também não se pode haver corpo sem artes. Somos um corpo. É por meio deste corpo que nos relacionamos com os outros corpos no mundo. Há, portanto, uma relação íntima entre arte e corpo que também nos possibilita pensar na interface entre Ética e Estética.

⁷ MALKA, 2002, p. 53-68.

⁸ LÉVINAS, Emmanuel. **Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl**. Paris: Vrin, 2010, p. 7. Sobre esta questão, ver também Betina Bergo a qual afirma: “It was Pradines who urged Levinas to go to Freiburg to study with Husserl” (BERGO, Betina. “Onology, Transcendence, and Immanence in Emmanuel Levinas philosophy”, **Research in Phenomenology**. Montreal, v. 35, 2005, p. 173, nota 5).

⁹ FRANDSEN, Henrik Vase. “L’enseignement et le soi”. In: HOUSSET, Emmanuel; CALIN, Rodolphe (éd.). **Levinas: au-delà du visible – études sur les inédits de Lévinas des Carnets de captivité à Totalité et Infini**. n. 49, Caen: Université de Caen, 2012, p. 306.

¹⁰ LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade**. Tradução de José Pinto Ribeiro. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 29..

¹¹ MELO, 2018, p. 41, nota 9.

O sentido do olhar inelutável

Partindo dessas considerações anteriores, pode-se situar a problemática proposta pelo congresso com a seguinte pergunta: afinal, o que vemos? Com Georges Didi-Huberman poderíamos responder de modo paradoxal da seguinte forma: o que vemos é o que nos olha, numa espécie de “inelutável cisão do ver”¹². Nas páginas a seguir, pretendemos, por um lado, evidenciar o sentido desse olhar “inelutável” voltado para o outro, um olhar ético que pertence a uma sensibilidade originária das entranhas e por outro, visa também um olhar sobre esta “arte” dos corpos, na sua dimensão estética.

Como se percebe, com Lévinas a sensibilidade não se reduz à sensação, em sentido gnosiológico, mas passa a ser entendida em seu caráter ético. O que Pradines interpreta como “sensibilidade elementar”¹³ passa a ser o lugar próprio da ética, da relação com o outro no pensamento levinasiano. Neste artigo, interpretamos, portanto, o “elementar” como sendo este o sentir inteligente da relação com o “outro”, bem como o modo do corpo ser no mundo. Deste modo, pensar uma interface entre a Ética e a Estética constitui-se em um duplo movimento do olhar, envolvendo o corpo. Não há relação Ética sem a dimensão da corporeidade, e nem Estética sem o sensível (*aisthesis*). Mas afinal, como se constitui e como se distingue a sensação (sensível) da própria experiência originária da sensibilidade?

Sob o viés da fenomenologia, entende-se melhor como a relação entre a dimensão sensível (da realidade) e a sensibilidade, a saber – o que nos toca em carne e osso – se constitui. Ora, a dimensão sensível não esgota toda a relação com o real, como se o jogo de luz – no caso da fenomenologia – fosse capaz de dar conta de toda a realidade à nossa volta. Pelo contrário, o que é “elementar” em nossa experiência ética, em grande parte, permanece praticamente invisível, abrindo-se a outras dimensões e experiências, como a da proximidade e a do acolhimento do olhar voltado para o outro e, se quiser, a da própria “*trans*-ascendência”¹⁴ que habita este olhar voltado para o outro.

O que vemos, portanto, passa a ser também o que nos olha. Eis a inelutável cisão do ver que desafia tanto a relação Ética quanto a Estética. De fato, a obra de arte é para ser observada, mas diante da mesma, é como se os nossos olhos não contivessem o conteúdo observado. Com a experiência ética – na relação com o

¹² DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 34.

¹³ Sobre esta questão, ver o capítulo VI de nosso livro, intitulado: **Da “filosofia da sensação” ao “desnudamento” da pele**, no qual desenvolvemos especificamente a questão da “sensibilidade elementar” em Pradines na sua relação com o pensamento ético de Lévinas (MELO, 2018, p. 170-177).

¹⁴ Tomamos este termo “*trans*-ascendência” de empréstimo da filosofia da existência inspirado em autores como Jean Wahl, Gabriel Marcel, dentre outros no contexto dos anos 20 de Strasbourg, onde Lévinas estudou e conheceu Pradines (LÉVINAS, 2014, p. 22, nota 5).

outro – também não conseguimos apreender toda a realidade vivida e experimentada na relação com o outro. Algo tende a escapar da relação “eu-tu”, em um movimento para o “outro”. Neste sentido, embora os autores – Lévinas e Pradines – tenham pontos de vista diferentes, pode-se notar que ambos nos despertam para a gênese criadora do espírito humano. Eis o “elementar” que nos toca e que, em nosso entendimento pode ser, de fato, chamado de “sensibilidade”. A seguir, veremos algumas considerações sobre o pensamento de Lévinas que julgamos apropriadas para nos inserir no discurso de Pradines.

Entre Corpos: o contato e a “imediatez do sensível”

O contato, de acordo com a filosofia levinasiana, é entendido como uma experiência originariamente ética. O contato se dá na proximidade inter-humana. Neste sentido, é de fundamental importância distinguir como se caracteriza o elemento sensível da mera sensação, como faz as ciências empíricas da sensibilidade ética e/ou estética. Neste sentido, remetendo-se propriamente à questão da Ética, Lévinas interpreta que, em Pradines, há o emergir de uma sensibilidade inteligente, uma sentir que emerge do ser tocado na relação inter-humana. Aliás, o tema da sensibilidade já tem um viés kantiano, mas ainda no sentido *a priori* das intuições puras de espaço e tempo, dando embasamento para a sua empreitada do conhecimento. No entanto, a questão posta por Kant sobre a faculdade da sensibilidade, em nosso entendimento, só ganha visibilidade na fenomenologia, com autores como Husserl, Lévinas, Merleau-Ponty, dentre outros.

Em seu texto intitulado *Linguagem e proximidade*, escrito em 1967, e que se encontra publicado na obra *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*, Lévinas chama em causa o sentido do contato, distinguindo-o do sentido da sensação gnosiológica¹⁵. Ora, de acordo com nosso autor, a dimensão gnosiológica tem em vista um saber. Aliás, numa linguagem idealista, trata-se de um conhecimento voltado para a essência. Conforme interpretara Husserl, tem-se aqui um conhecimento originário da intuição que visa as essências – intencionalidade da consciência. No entanto, para Lévinas, o contato se dá na sua imediatez que “é um caso de proximidade e não de saber”¹⁶. Trata-se de uma experiência que não se reduz ao conhecimento sensível da sensação, pois se viesse a reduzir, não seria propriamente ético, mas gnosiologia.

A imediatez do sensível é, portanto, de uma outra ordem. Ela não se reduz nem ao sensível do saber, nem mesmo da “sensação gustativa” que ainda é da ordem do sabor e também psicológica, contendo um conteúdo afetivo. De modo crítico, Lévinas o interpreta a partir do viés da ética da sensibilidade, da relação com

¹⁵ LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Trad. Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1998b, p. 265-288.

¹⁶ LÉVINAS, 1998b, p. 275.

outrem, relação de alteridade. A nosso entender, é a partir desta temática que Lévinas radicaliza a sua proposta ética, desenvolvendo uma filosofia da sensibilidade ética, a partir de termos como: proximidade, contato, vulnerabilidade da pele, carícia, ternura, dentre outros¹⁷.

Inserir, portanto, o pensamento de Lévinas aqui, significa, por um lado, entender a “sensibilidade à flor da pele, à flor dos nervos, oferecendo-se até ao sofrimento”¹⁸, um interrogar pela própria história; por outro, significa também dar voz a uma filosofia testemunhada, com sua própria vida, em seu próprio corpo – esse lugar sensível e suportado – nomeado também por nós de corpos da *ética*. Trata-se, enfim, de uma sensibilidade no sentido elementar da palavra (*Parole*) que ensina. Aliás, sua filosofia, sendo de procedência judaica, entende o “rosto” (*visage*) do outro, como lugar do ensinamento¹⁹ – ensino que nos vem da palavra do outro que nos instrui. E assim, visamos entender melhor o porquê de Lévinas dar atenção àquilo que Pradines chama de sensibilidade elementar sob o viés da Ética.

Sensibilidade paradoxal: A realidade e suas sombras

No que diz respeito propriamente à temática da ética e da arte e/ou estética, a perspectiva levinasiana é bastante paradoxal, como se pode notar em seu texto intitulado “La réalté et son ombre” (1948). Embora ele caracterize a obra de arte a partir de sua expressividade, não se pode negar sua visão crítica em relação à obra entendida como uma representação de objetos. Lévinas considera que a obra de arte, na sua plasticidade, tende a assumir o lugar de um “ídolo”²⁰. No referido texto “La réalté et son ombre”, escrito logo após a II Guerra Mundial, a saber, de sua experiência de cativo, Lévinas revela a intenção de sua filosofia: o tema emergente da Ética – do esquecimento do “outro”. Trata-se de um esquecimento da diferença radical – o sentido da alteridade.

Com base na breve descrição histórica acima, torna-se compreensível o porquê de sua crítica à obra de arte em geral. Não que Lévinas fosse indiferente à arte, mas trata-se de sua crítica aos sistemas políticos que culminaram nas guerras, no ódio do homem contra o próprio homem. E, assim, pode-se interpretar tantos os equívocos quanto as maquinações de uma razão manipulada a serviço do poder, que acaba por ofuscar as nossas representações de mundo. E daí, surgir uma

¹⁷ Trata-se de temas que são desenvolvidos por Lévinas de modo mais explícito na obra de 1974 intitulada **De outro modo que ser ou para lá da essência**, tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, sobretudo no capítulo III intitulado: “Sensibilidade e proximidade”, p. 81-114.

¹⁸ LÉVINAS, 2011, p. 36.

¹⁹ Sobre esta questão, ver a conferência: LÉVINAS, Emmanuel. *Les enseignements* (1950). In: LÉVINAS, Emmanuel. **Parole et silence et autres conférences inédites**, II, CALIN, Rodolphe; CHALIER, Catherine (éd.). Paris: Grasset/IMEC, 2009, p. 173-198.

²⁰ LÉVINAS, Emmanuel. “La réalté et son ombre”. In: **Les imprévus de l’histoire**. Montpellier: Fata Morgana: 1994, p. 119.

espécie de tensão na própria visão de arte. Deste modo, em meio aos paradoxos do olhar, na perspectiva levinasiana, é como se a obra falasse a partir de sua magia, ou seja, como se o poema, o romance e as artes em geral, fossem como quadros, cenários mágicos no seio do mundo, não envolvendo o humano na vida prática²¹.

No entanto, mesmo sem adentrar aqui nas implicações que tais questões ligadas à arte levantam, em se tratando do pensamento de Lévinas, é preciso reconsiderar também a sua redenção sobre o lugar da arte. Mesmo frente a esta visão crítica de Lévinas em relação à obra de arte, não se pode fazer do mesmo um iconoclasta²². Aliás, o próprio Lévinas parece fazer uma *mea culpa* em sua entrevista com Françoise Armengaud à *propos de l'oeuvre de Sosno* (1990): tal crítica, segundo a qual “a arte doa um rosto [visage] às coisas”²³, não pode ser interpretada como uma denúncia de qualquer idolatria, mas trata-se, segundo o nosso autor, “da animação da matéria pela arte”²⁴. Deste modo, para entender a questão da arte e/ou da estética em Lévinas, além dos textos mencionados acima, precisamos também visitar outros escritos do autor ligados à temática em questão, por exemplo, o capítulo sobre o “exotismo” presente em *Da existência ao existente*²⁵ e, de modo crítico, relacionando-os com a entrevista de 1990.

A título de conclusão deste primeiro item de nosso artigo, tendo em vista a interface entre os dois autores – Lévinas e Pradines – ressaltamos que a sensibilidade elementar se constitui como o lugar originário do qual emerge o próprio pensar e a partir do qual se interroga pelo porquê das coisas. Tarefa por excelência da Filosofia. Neste sentido, para pensar a “arte dos corpos e os corpos da arte”, faz-se necessário perguntar também pelo nosso lugar na História, pela nossa responsabilidade diante dos horrores, como é o caso das guerras vividas e testemunhada pelo autor Lévinas, uma vez que as guerras maquinam os pensamentos, devorando os corpos, não somente de seus autores, mas também, e sobretudo, dos mais indefesos. Daí o emergir do pensamento de Lévinas como uma filosofia de resistência, mas que não desconsidera os afetos e/ou sentimentos, uma sensibilidade que leva em consideração o prazer e a dor.

²¹ LÉVINAS, 1994, p. 125.

²² CALIN, Rodolphe. La non-trascendenza dell'immagine. Una lettura di ‘La realtà e la sua ombra. In: DURANTE, Massimo (ed.). **Responsabilità di fronte alla storia. La filosofia di Emmanuel Levinas tra alterità e terzietà**. Genova: Il Melangolo, 2008, p. 123.

²³ LÉVINAS, Emmanuel. **De l'oblitération. Entretien avec Françoise Armengaud à propos de l'oeuvre de Sosno**. Paris: Différence, 1990, p. 8. [Tradução nossa].

²⁴ LÉVINAS, 1990, p. 8. [Tradução nossa].

²⁵ LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Trad. de Paul Albert Simon e Ligia M. de Castro Simon. São Paulo: Papyrus, 1998a, p. 61-64.

2. POR UMA FILOSOFIA DA SENSÇÃO: ENTRE O PRAZER E A DOR

Após o estudo sobre a interface entre os autores, Lévinas e Pradines, ressaltado do sentido da sensibilidade ética levinasiana, a seguir, serão investigados os elementos fundamentais da sensibilidade elementar com Pradines, a partir do prazer e da dor. Para tal, tomaremos como base a obra de Pradines que trata da sensação e que se encontra organizada em dois tomos: I) *Le problème de la sensation* (1928); e II) *La sensibilité élémentaire*. Este segundo tomo, por sua vez, distribui-se em dois volumes: 1) *Les sens de la besoin* (1932); e 2) *Les sens de la défense* (1934). Nossa pesquisa focará no segundo tomo de sua obra.

A sensação como uma questão filosófica

Há uma inquietude filosófica que ultrapassa o conhecimento da Psicologia Geral e que Pradines intitula-a de “Filosofia da sensação”²⁶. O autor problematiza o lugar da sensação, na tentativa de afirmar a sensibilidade elementar, como é o caso do prazer e da dor.

Entendemos que é na corporeidade da condição humana que se arraigam tanto o prazer quanto a dor. Neste sentido, para melhor descrever a experiência estética é de fundamental importância considerar o *pathos* da condição humana no qual se encontram radicados tanto o prazer quanto a dor. Para tal, investigaremos os principais argumentos apresentados pelo pensador de origem suíça do século XIX, Maurice Pradines, o qual influenciou grandemente outros pensadores que se interessaram pelo tema da sensação sob o viés da sensibilidade elementar que, em nosso entendimento, é tanto ética quanto estética.

A seguir, procuramos mostrar como se constitui a sensibilidade elementar em Pradines, o qual entende a sensação não vinculada a elementos exclusivamente fisiológicos ou psicológicos, mas também caracterizada por uma inteligência singular, uma “inteligência da sensação”²⁷, que não significa uma tendência racionalista²⁸. Deste modo, uma investigação acerca da origem da atividade

²⁶ PRADINES, Maurice. Philosophie de la sensation. La sensibilité élémentaire (Les sens primaires). I. Les sens du besoin. Paris: Belles Lettres, 1932, p. 2.

²⁷ PRADINES, 1932, p. 1.

²⁸ Bastante sugestiva a crítica de Pradines à tendência cartesiana que vê a sensibilidade como “certas formas confusas de pensar” (DESCARTES, René. Meditações metafísicas. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 122), bem como a de herança kantiana que tende a fundar a sua ética sob os ditames da razão, menosprezando as inclinações e os apetites (KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1995, p. 103-105).

sensorial, sob a forma de uma filosofia da sensação é de fundamental importância para o entendimento de como o prazer e a dor encontram-se relacionados na experiência estética.

Em seu volume dedicado à sensibilidade elementar – *La sensibilité élémentaire* – tem-se uma investigação sobre o sentido da necessidade (*besoin*) e da defesa (*défense*). Tais caracterizações servem de base para o autor justificar o que se entende por sensibilidade elementar. Ora, tais atividades não são idealizadas pela inteligência, mas situam-se no espaço tátil, a saber, são sentidas em um corpo. Falar, portanto, de sensibilidade elementar significa dar voz àquilo que na maioria das vezes parece ter sido negligenciado pela própria História da Filosofia, que é o lugar a partir do qual emergem os nossos afetos, sentimentos e desejos. No entanto, não se trata aqui da defesa de um “sensismo” ou mesmo de um “emotivismo”²⁹.

Desde as primeiras páginas da obra de Pradines sobre a sensibilidade elementar, encontramos o esforço do autor em precisar o que se entende por filosofia da sensação. Trata-se de um esforço de colher o sentir inteligente que não é nem meramente ideal e nem se reduz a uma mera sensação física, à sensação no sentido biológico. Sem desconsiderar o corpóreo, que é biológico – orgânico –, o autor sustenta a seguinte tese: a sensação é considerada sob o viés da inteligência, como um signo (*signe*) que representa um corpo exterior, “fora de nós”³⁰.

Em diálogo com a Tradição Filosófica

Se tomássemos o viés da tradição fenomenológica, sobretudo de procedência husserliana, poderíamos afirmar que a sensação pode ser caracterizada como uma impressão em nós, uma espécie de “intuição” – “em carne e osso”³¹. O próprio Pradines faz questão de ressaltar que não se trata de uma intuição meramente intelectual, nem vem considerada do ponto de vista geral da psicologia, conforme se pode ver nas análises dos empiristas ingleses, como é o caso de David Hume que entende tal representação de modo “secundário”³². Lendo atentamente o texto de Pradines, constata-se que ele critica a postura empirista e abre um diálogo com os clássicos, por exemplo, Platão e Aristóteles.

²⁹ Sobre a temática das emoções, indicamos o livro: GIARDINA, Giovanna R. (Org.). **Le emozioni secondo i filosofi antichi**, que surgiu por ocasião do Congresso ocorrido em Siracusa, em 2007.

³⁰ PRADINES, 1932, p. 1-11. [Tradução nossa].

³¹ Ver parágrafo 40 da obra: HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. de Márcio Suzuki. 6. ed. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006, p. 95-97. Sobre o sentido desse “em carne e osso”, ver item 2.2.2 do capítulo VIII da obra: MELO, 2018, p. 262-265.

³² No caso de Hume, por exemplo, tem-se o “hábito” ou o “costume” como o “grande guia da vida humana” (HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Trad. de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2004, p. 77).

No que diz respeito a Platão, é bastante sugestivo o modo como o autor, em seu diálogo considera o prazer e a dor. Mesmo imbuído no discurso sobre a sensação de cunho gnosiológico³³, é interessante o modo como Platão, no *Filebo*, levanta a questão sobre o prazer, discursando sobre sua origem e objeto³⁴. E mais adiante, o autor considera o prazer e a dor, como sendo prazeres puros³⁵. Ora, tal operação clássica, do ponto de vista crítico, parte da análise da sensação entendida como uma representação sensível que nos vem das coisas externas, ou melhor, que se encontram fora de nós.

Também Pradines, em sua análise do caráter problemático da sensação – na introdução de sua obra *Les sens du besoin* (1932) – não exclui os elementos fisiológicos e nem os psicológicos. No entanto, não há uma primazia dos mesmos. Segundo o autor, na verdade há a necessidade de se recorrer ao caráter inteligente da sensação que emerge da relação entre o prazer e a dor. Em nosso entendimento, esse caráter “elementar” é o que desperta Lévinas para o pensamento de Pradines sob o viés da Filosofia. Nesse sentido, vale retomar a crítica que Pradines faz à interpretação de Platão oriunda de seu texto *Filebo*, 51a-b. Embora Platão não desconsidere o prazer, no entanto, há uma tendência a considerá-lo no seu caráter intelectual, como uma espécie de cessação da dor oriunda da necessidade³⁶. Ainda com Pradines, em sua crítica aos prazeres puros de Platão³⁷, ressaltamos que não se trata de pensar que o prazer se reduz à sensação. Isto não acontece. Há um caráter “estranho” desse prazer no espaço que desafia toda a lógica fisiológica ou de natureza psicológica. Neste sentido, embora sendo um fenômeno essencialmente biológico, o prazer envolve outros sentidos, não se reduzindo ao sensível.

No que diz respeito à aproximação crítica entre a filosofia de Pradines e a de Aristóteles, evidenciamos o sentido da inteligência do sentir. Ao descrever a faculdade sensitiva, em sua obra *De Anima*³⁸, Aristóteles afirma que tal sensação consiste em “ser movido e em sofrer”³⁹. Ora, para algo passar da potência para o ato, sofre transformação. No caso do humano, desse ser inteligente, não falamos simplesmente de transformação, mas de ensino movido por uma disposição do próprio sujeito capaz de receber tal conhecimento⁴⁰.

³³O exercício da alma de recordar exige a sensação. Sem esta, seria difícil entender as afecções da dor e do prazer (PLATÃO. *Filebo* 33c-e. In: **Tutte le opere**. Edizioni integrali con testo greco a fronte. Roma: Newton, 2010).

³⁴ PLATÃO. *Filebo*, 37a-37b.

³⁵ PLATÃO. *Filebo*, 51e-52a.

³⁶ PRADINES, 1932, p. 26. Do ponto de vista das influências, a interpretação referida serviu de base para a visão moral de Epicuro de Samos, bem como de Arthur Schopenhauer.

³⁷ PRADINES, 1932, p. 62.

³⁸ ARISTÓLES. *De Anima*. II, 417a. Tradução de Carlos Humberto Gomes. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2015.

³⁹ ARISTÓLES. *De Anima*. II, 417b1-5.

⁴⁰ ARISTÓLES. *De Anima*, II, 417b10-15.

Examinando o texto de Aristóteles, pode-se deduzir que o estagirita teria colocado o prazer numa espécie de mediania, ou seja, entre a falta, caracterizada pela dor e o excesso de uma mesma atividade. Ora, se realmente esta interpretação procede, como caracterizar, por exemplo, a dor? Para responder a esta questão, não basta excluí-la ou reduzi-la a uma falta, pois, o próprio estagirita, analisando as várias partes da alma no *De Anima* faz uma consideração bastante significativa: os animais, mesmo os menos perfeitos – aqueles que não fazem uso da razão deliberativa – também provam dor e prazer⁴¹.

Em se tratando, portanto, da sensibilidade – desta faculdade do sentir inteligente – é preciso recorrer à *Ética*. Considerados sob o viés da *Ética*, o prazer e a dor ganham uma nova conotação, envolvendo as relações humanas. O que antes era de caráter meramente epistêmico ou gnosiológico, conforme a análise feita anterior com Platão, passa a ter uma configuração no campo deliberativo do agir humano. A dor, por exemplo, passa a ser provada nos atos de arrependimento e não simplesmente como algo meramente físico. E mesmo sem adentrar aqui nas implicações dos atos que se configuram como um “vício”, como é o caso da “incontinência” – do descontrole⁴² – situação na qual o indivíduo tende a não provar dor e nem arrependimento em tais ações, vale ressaltar que entendemos por sensibilidade elementar aquilo que diz respeito ao agir humano, sobretudo à relação com o outro, ações nas quais tem-se prazer e dor, envolvendo não somente o lugar da cor e do visível⁴³, como comumente se interpreta a partir dos sentidos⁴⁴. E, assim, interpretamos que Pradines nos desperta para um sentir inteligente que envolve os sentidos em geral, relacionados a uma função biológica – por exemplo, a do tocar – a primeira função sensorial que pertence a todos os animais⁴⁵.

3. A ESTRANHEZA DA SENSAÇÃO: ESPAÇO TÁTIL E CORPO PRÓPRIO

De que modo pode-se entender o espaço como o lugar por excelência da exterioridade das sensações? Como se dá a percepção humana do espaço?

⁴¹ ARISTÓTELES. *De anima*, III, 434a1-4. Seria interessante aqui recorrer também a outros textos nos quais o estagirita investiga outras funções nos animais em geral, como a memória, o apetite e também o prazer e a dor. Ver: ARISTÓTELES. *De la sensations et des sensibles*, 436a1-15. In: *Petits traités d'histoire naturelle*. MUGNIER, R. (éd.). Paris: Les Belles Lettres, 1965, p. 21-52.

⁴² ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, VII, 1150a9-14. Tradução de Édson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2014.

⁴³ ARISTÓTELES, *De Anima*, II, 418a10-15.

⁴⁴ ARISTÓTELES, *De Anima*, II, 418a10-15.

⁴⁵ HELLER-ROAZEN, Daniel. *Une archéologie du toucher*. Tradução do inglês por Paul Chemla. Paris: Seuil, 2011, p. 25.

O espaço da sensorialidade

Ora, do ponto de vista empirista e racionalista, as posturas são bastante divergentes. Conforme interpreta Caroline Guendouz⁴⁶, para os empiristas o espaço é resultado de uma associação de sensações. Já, para os racionalistas, esta consideração passa a ser focada sob o viés das ideias. Com Kant, em seu esforço de radicalizar o sentido da razão pura, relegando o papel da sensibilidade estética ao *a priori* do espaço e do tempo, tem-se um engendramento não sensível⁴⁷.

Deste modo, além dos elementos sensoriais que dizem respeito ao prazer e à dor, a filosofia de Pradines também investiga outros elementos que envolvem a sensação, por exemplo, a sensibilidade tátil no espaço. Esta é interpretada com certa estranheza, pois faz-nos deparar com a percepção de nosso corpo próprio no espaço, relacionando-o com o gosto e o odor⁴⁸ –, dentre outros sentidos. Deste modo, entendemos que a análise de Pradines é ainda muito mais ampla, envolvendo o prazer tátil (dos movimentos), da escuta (dos sons), da vista (visual), o prazer do odor (do perfume), dentre outros.

Para caracterizar tal estranheza no espaço, recorreremos, primeiramente, ao sentido orgânico da sensibilidade. Afinal, como caracterizar o espaço da sensorialidade (*sensorialité*)? Tem-se, por excelência, o tocar (*le toucher*)⁴⁹. Ora, conforme vimos anteriormente com Lévinas, o contato caracteriza o sentido de sua Ética. Mas afinal, o que de novo emerge com Pradines?

No tocar entra em jogo a afetividade na sua inteireza. Em uma linguagem aristotélica, pode-se dizer que, sem o contato, a alma sensitiva nada seria⁵⁰. Em se tratando propriamente da sensibilidade tátil, na sua estranheza no espaço, é de grande valia a análise do texto *Les sens de la défense* (1934), focando a sensibilidade tátil.

Primeiramente é preciso desconstruir a ideia de que a sensorialidade se compõe somente de cinco sentidos⁵¹. Há também um sentido particular que habita o humano: o desejo (*désir*). Deste modo, para um estudo sobre o prazer e a dor é

⁴⁶ GUENDOOUZ, Caroline. **La philosophie de la sensation de Maurice Pradines. Espace et gènes de l'esprit**. Hildesheim – Zürich – New York: Georg Olms Verlag, 2003, p. 64.

⁴⁷ GUENDOOUZ, 2003, p. 65.

⁴⁸ PRADINES, 1932, p. 160.

⁴⁹ PRADINES, Maurice. **Philosophie de la sensation. La sensibilité élémentaire (Les sens primaires). II. Les sens de la défense**. Paris: Belles Lettres, 1934, p. 1-3.

⁵⁰ HELLER-ROAZEN, 2011, p. 29.

⁵¹ Para entender o sentido simbólico dos cinco sentidos, sugerimos a leitura de: SERRES, Michel. **Les cinq sens**. Paris: Pluriel, 2014. O autor faz uma análise a partir das seis grandes tapeçarias conhecida como “La Dame à la licorne” que se encontra no Museu de Cluny, em Paris. Além dos cinco sentidos – l’ouïe, la vue, le toucher, l’odorat et le goût – há também uma análise sobre o desejo – un sixième sens – dedicado a mon seul désir (SERRES, 2014, p. 60-70).

preciso também levar em consideração outras necessidades, do contrário, tal estudo cairia numa visão psicológica ou racionalista, já criticada pelo nosso autor. Sob o viés da “arte dos corpos e corpos da arte”, o espaço emerge como lugar no qual as necessidades são manifestas, como a fome, a sede e a própria sexualidade na sua dimensão psicológica e “misteriosa”⁵².

De acordo com Pradines, o sentido do tato está vinculado às antenas tácteis da necessidade que é a condição de todos os prazeres. Pode-se novamente remeter aqui a Aristóteles, o qual afirma no *De Anima*: “O homem, em relação aos outros sentidos, é realmente inferior a muitos animais enquanto que, no tato, ultrapassa-os, a todos, nesse mesmo grau de acuidade”⁵³. Na atividade hedônica, o tato constitui um componente importante dos prazeres dos sentidos⁵⁴. Na origem da função biológica do tocar – no ato tátil – tem-se a sensibilidade cutânea que também se manifesta como uma espécie de irritação ofensiva (corpo “irritante”)⁵⁵. Essa irritação é uma forma de defesa gerada pela insatisfação dos próprios apetites no prazer. Deste modo, pode-se pensar em uma situação na qual se prova apetição sem prazer. No entanto, seria difícil pensar em uma situação na qual haveria uma “aversão”⁵⁶ defensiva sem dor.

A irritação tátil no espaço

A irritabilidade tátil no espaço é o elemento que distingue Pradines da postura empirista, como acontece, por exemplo, com Hume. Passemos, a seguir, para a análise do atraso (*le retard*) no espaço. Trata-se da análise do prazer e da dor, não sob o viés da necessidade – como vimos anteriormente em *Les sens du besoin* – mas sob o viés da “estranheza”⁵⁷ no espaço. De que modo tal estranheza se manifesta?

Para entender melhor como se manifesta a irritabilidade no seu atraso, pensemos, por exemplo, nos atos do tocar e do ser tocado antes de ser irritado. Trata-se justamente deste lugar a partir do qual todas as funções táteis surgem e no qual as mesmas permanecem. Ora, esta tatibilidade manifesta-se e caracteriza-se como um “atraso da irritação” (*retard de l'irritation*)⁵⁸. Eis, portanto, o sentido estranho de sua manifestação: o fato de se caracterizar na sua espacialidade, causando uma espécie de irritação na sensibilidade cutânea⁵⁹.

⁵² PRADINES, 1932, p. 167-168.

⁵³ ARISTÓTELES. *De Anima*, II, 421a20-22.

⁵⁴ PRADINES, 1932, p. 160-161.

⁵⁵ PRADINES, 1934, p. 1-4.

⁵⁶ PRADINES, 1932, p. 30-31.

⁵⁷ PRADINES, 1932, p. 81.

⁵⁸ “[...] le retard est la connaissance d’où toutes nos perceptions tactiles découlent et où se ramène tout ela spatialité tactile elle-même” (PRADINES, 1934, p. 7).

⁵⁹ Sobre uma possível relação entre a dimensão tátil em Pradines e o “traço” da sensibilidade “à flor da pele” com Lévinas, ver: MELO, 2018, p. 186-188.

Do ponto de vista crítico, poder-se-ia perguntar se a análise de Pradines procede. Ora, primeiramente é preciso reconhecer o seu esforço de precisar a sensibilidade elementar. Tal esforço faz com que Pradines acaba por descobrir a atividade originária do espírito humano, chamada por ele de “razão orgânica”⁶⁰. Em um segundo momento, é preciso acentuar que, embora não haja uma crítica, propriamente falando, ao sistema intelectualista filosófico – como é o caso por exemplo do sistema kantiano – não se pode negar a importância que Pradines dá às categorias de espaço e à própria sensibilidade numa dimensão avançada em relação à postura kantiana⁶¹.

Concluindo esta estranheza da sensibilidade no espaço, afirmamos também o sentido visível da sensibilidade. No entanto, o fato da sensibilidade se manifestar externamente, ou seja, pelo simples fato do sentir (ou ser) tocado⁶², não significa dizer que podemos apreendê-la através dos nossos sentidos. A nossa percepção no espaço tátil se dá através de nosso “corpo próprio”⁶³. “Não existe, para Pradines, uma percepção do espaço possível sem percepção do espaço de nosso corpo próprio”⁶⁴. E assim, interpretamos que sem o “elementar” da sensibilidade – espaço corpóreo do sentir – nossa percepção seria impossível. É a corporeidade que nos permite entrar em contato conosco mesmo e com os outros. Com minhas mãos, por exemplo, posso tocar o meu corpo e posso também deixar ser tocado pelo outro. No entanto, o que a filosofia da sensação de Pradines nos desperta é justamente para o sentir inteligente deste tocar, o que Lévinas chama também de carícia: “o não coincidir do contato, um desnudamento nunca suficientemente nu”⁶⁵. Os sentidos não são cegos. E assim, pode-se interpretar, o que na linguagem de Pradines e também de Lévinas passa a ser visto como o atraso ou a irritação sensorial manifestada a partir da espacialidade que nos permite sentir. Trata-se de um movimento não somente ativo, mas que também se dá na passividade do sentir – o ser tocado⁶⁶ – e que Pradines entende como um movimento, envolvendo ação e paixão⁶⁷. Não há, portanto, exclusão das qualidades táteis, mas estas são como que emprestadas para que a partir da interioridade do sentir, aquilo que é externo passa a ser percebido e reconhecido.

⁶⁰ GUENDOUZ, 2003, p. 6.

⁶¹ GUENDOUZ, 2003, p. 52.

⁶² PRADINES, 1934, p. 219.

⁶³ Pode-se remeter aqui ao sentido da percepção em Merleau-Ponty que afirma: “C’est par mon corps que je comprends autrui, comme c’est par mon corps que je perçois des ‘choses’” (MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 2011, p. 226).

⁶⁴ GUENDOUZ, 2003, p. 85. [Tradução nossa].

⁶⁵ LÉVINAS, 2011, p. 108.

⁶⁶ Algo já interpretado por Aristóteles acerca do tangível, e que é relativo ao ato de tocar, envolvendo vários sentidos (ARISTÓTELES. **De Anima**, II, 422b15-20).

⁶⁷ “Action et passion, ce que je touche est donc moi tout entier” (PRADINES, 1934, p. 239).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com Pradines, não só Lévinas é despertado por uma sensibilidade elementar, mas também nós, sobretudo para o estudo da Ética e da Estética. Partindo da reflexão feita no início deste texto com Lévinas, concluímos a importância de se estudar a sensibilidade distinguindo-a da sensação. Enquanto esta tem uma configuração mais gnosiológica, oferecendo material para o próprio psíquico, aquela tem uma conotação mais ética.

A filosofia da sensação de Pradines não se reduz às questões fisiológicas ou psicológicas. Sua análise tem um caráter filosófico. Neste sentido, as sensações precisam ser compreendidas também a partir de uma explicação inteligente. Somos, de fato, afetados pelos sentidos, mas um sentir inteligente que dá sentido e significado às nossas experiências exteriores no espaço tátil. E assim, graças à inteligência do sentir, a sensibilidade permanece no seu caráter subversivo. Do ponto de vista da fenomenologia, interpretamos que a intencionalidade do vivido e/ou da consciência em Husserl, ganha um caráter de uma inteligibilidade do sentir em Pradines, sendo chamada pelo autor de sensibilidade elementar.

Em outras palavras, trata-se de reconhecer uma inteligibilidade na própria sensação. Nesse sentido, é bastante sugestivo o que Lévinas nomeia de “gozo”⁶⁸, ou mesmo do fluir das coisas no mundo, pois caracteriza justamente o sentido do prazer. Além do “gozo”, nosso autor, acentua a dimensão do rosto (*visage*) exteriorizado na carícia. Trata-se de uma sensibilidade “que não se esgota no sensível, mas que se abre ao próprio desejo do infinito que habita um ser já saciado”⁶⁹. Com isso, concluímos que, ao investigar a sensibilidade elementar, através de uma filosofia da sensação, Pradines não somente reabilita o sensível sob o viés da Psicologia e do conhecimento, mas acaba por abrir espaço para repensar como se dá a percepção do nosso corpo no espaço – corpo próprio –, de tal modo que tanto a dor quanto o prazer são ressignificados no espaço ético e/ou estético da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **De la sensations et des sensibles**. In: **Petits traités d’histoire naturelle**, MUGNIER, R. (ed.). Paris: Les Belles Lettres, 1965, p. 21-52.

⁶⁸ Sobre a sensibilidade como “gozo” (*jouissance*), ver: MELO, 2018, p. 63-67.

⁶⁹ MELO, 2018, p. 181.

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Édson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- ARISTÓTELES. **De Anima**. Tradução de Carlos Humberto Gomes. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2015.
- BERGO, Betina. “Onology, Transcendence, and Immanence in Emmanuel Levinas philosophy”, **Research in Phenomenology**. Montreal, v. 35, 2005, p. 141-177.
- CALIN, Rodolphe. “La non-trascendenza dell’immagine. Una lettura di ‘La realtà e la sua ombra’”. In: DURANTE, Massimo (ed.), **Responsabilità di fronte alla storia. La filosofia di Emmanuel Levinas tra alterità e terzietà**. Genova: Il Melangolo, 2008, p. 105-123.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Trad. de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. de Paulo Neves. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- FRANSEN, Henrik Vase. L’enseignement et le soi. In: HOUSSET, Emmanuel; CALIN, Rodolphe (ed.). **Levinas: au-delà du visible – études sur les inédits de Lévinas des Carnets de captivité à Totalité et Infini**. n. 49, Caen: Université de Caen, 2012, p. 303-313.
- GIARDINA, Giovanna R. **Le emozioni secondo i filosofi antichi**. Catania: CUECM, 2008.
- GUENDOUZ, Caroline. La philosophie de la sensation de Maurice Pradines. Espace et gènes de l’esprit. Hildesheim – Zürich – New York: Georg Olms Verlag, 2003.
- HELLER-ROAZEN, Daniel. **Une archéologie du toucher**. Tradução do inglês por Paul Chemla. Paris: Seuil, 2011.
- HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Trad. de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2004.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. de Márcio Suzuki. 6. ed. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1995.
- LÉVINAS, Emmanuel. De l’oblitération. Entretien avec Françoise Armengaud à propos de l’oeuvre de Sosno. Paris: Différence, 1990.
- LÉVINAS, Emmanuel. **La réalité et son ombre**. In: LÉVINAS, Emmanuel. **Les imprévus de l’histoire**. Montpellier: Fata Morgana: 1994, p. 107-127.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Trad. de Paul Albert Simon e Lígia M. de Castro Simon. São Paulo: Papirus, 1998a.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger**. Trad. Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1998b, p. 265-288.

- LÉVINAS, Emmanuel. **Les enseignements** (1950). In: LÉVINAS, Emmanuel. **Parole et silence et autres conférences inédites**, II, CALIN, Rodolphe – CHALIER, Catherine (eds.). Paris: Grasset/IMEC, 2009, p. 173-198.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Vrin, 2010.
- LÉVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência**. Tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade**. Trad. de José Pinto Ribeiro. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2014.
- MALKA, Salomon. **Lévinas, la vie et la trace**. Paris: Albin Michel, 2002.
- MELO, Edvaldo Antonio de. *Por uma sensibilidade além da essência: Lévinas interpela Platão*. Roma: G&BPress, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 2011.
- PLATÃO. **Filebo**. In: PLATÃO. **Tutte le opere**. Edizioni integrali con testo greco a fronte. Roma: Newton, 2010, p. 725-829.
- PRADINES, Maurice. *Philosophie de la sensation. La sensibilité élémentaire (Les sens primaires)*. I. Les sens du besoin. Paris: Belles Lettres, 1932.
- PRADINES, Maurice. *Philosophie de la sensation. La sensibilité élémentaire (Les sens primaires)*. II. Les sens de la défense. Paris: Belles Lettres, 1934.
- SERRES, Michel. **Les cinq sens**. Paris: Pluriel, 2014.

Artigo recebido em 26/02/2020

Aceito em 21/10/2020